

# UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Filosofia

## **a) Título da disciplina**

PPGF021/Filosofia social – “Tempo, capital e alienação: perda de sentido existencial e adoecimento psíquico numa era de aceleração social”

## **b) Carga horária**

60h – Aulas às terças-feiras, das 14h às 17h30

## **c) Linha de pesquisa**

Filosofia e teoria social

## **d) Ementa**

Em *O Capital*, Marx observa que a reprodução capitalista, ancorada nos mecanismos de extração de mais-valor, é inseparável da efetivação social de um tempo homogêneo, contínuo e abstrato. Ou seja, ela só é possível pela objetivação de uma experiência da temporalidade completamente apartada das vivências concretas dos sujeitos, pois baseada na lógica de tornar os diversos trabalhos qualitativamente distintos mensuráveis e quantificáveis em torno de um denominador comum.

No entanto, essa “dominação impessoal”, como define Postone, que permite a conversão dos produtos do trabalho em mercadorias, isto é, objetos dotados de um valor de troca, não se confina, como é típico da dinâmica capitalista, ao plano estritamente econômico. Pelo contrário, para que ele se realize, é indispensável que tal experiência da temporalidade se estenda para todos os domínios da vida social. Dentre outras coisas, isso significa dizer que é preciso que o tempo de vida dos indivíduos seja subsumido àquela temporalidade abstrata, ou seja, que o tempo concreto e heterogêneo de nossas diferentes experiências e modos de viver seja capturado e arregimentado em favor da lógica capitalista. Ou, o que vem a ser o mesmo, que nossa temporalidade própria nos seja alienada.

No entanto, como Marx também observa, “o tempo é o local do desenvolvimento humano”. Logo, quanto maior o alcance daquele sequestro do tempo, e do empobrecimento de sua experiência, mais pobre e alienada é a experiência de vida dos sujeitos, isto é, menor a possibilidade de seu desenvolvimento pessoal e de sua busca por autorrealização pessoal e coletiva. Não por acaso, a bandeira da redução da jornada de trabalho, e conseqüente aumento do “tempo livre”, sempre figurou como a pauta política mais elementar para o filósofo.

Em face dessa contradição, cujo delineamento ocupará a primeira parte do curso, se trata de refletir, em um segundo momento, sobre o modo como ela se apresenta na atual fase neoliberal do capitalismo, em particular, como a captura do tempo de vida agencia subjetividades crescentemente adoecidas por esse processo.

Isso porque, nas últimas décadas, aquela dominação tornou-se mais complexa. Por exemplo, a distinção entre a jornada de trabalho e o tempo “livre” (ou “tempo de não-trabalho”, como preferia Adorno), ainda bastante nítida ao longo do século XX, está em vias de desaparecimento. Afinal, temos algum tempo livre, ainda que na forma reificada de “não-trabalho”, se o trabalho nos alcança até mesmo dentro de nossas casas ou em supostos momentos de folga?

Segundo Hartmut Rosa, vivemos hoje uma era de “aceleração social”, isto é, um período em que as transformações objetivas em nosso modo de vida, inevitavelmente promovidas pela expansão capitalista, já não ocorrem no intervalo entre gerações, mas intrageracionalmente. Neste contexto, também nossa experiência subjetiva, particularmente quanto à percepção e ao emprego do tempo, tem sido profundamente modificada. Pois, enquanto cresce exponencialmente o volume de atividades, tarefas e obrigações às quais precisamos nos submeter para não sermos “deixados para trás” no processo de competição social capitalista, cresce também a sensação de que nossas vidas têm sido desperdiçadas, de que nos falta tempo para viver aquilo que desejamos, de projetar e perseguir uma “boa vida”, uma vida “autêntica”. Encontramo-nos, diz Rosa, ecoando Marx, em um período no qual a alienação em relação a nós mesmos, às nossas possibilidades de apropriação autônoma de nossas vidas e ao mundo, nunca foi tão radical.

Com efeito, uma das maiores consequências dessa alienação visceral é a percepção de esvaziamento do existir de qualquer sentido substancial. Pois se, com Sartre, aprendemos que toda existência é um livre projeto de autoconstituição de sentido, logo, uma experiência de temporalização própria rumo ao futuro, encontramos-nos tão confinados a um cenário em que nosso tempo de vida é subsumido à temporalidade abstrata e acelerada do capital, a um eterno aqui-agora sem transcendência, que quase toda perspectiva que não seja a de doar todo o tempo em favor dos ditames do capital é retirada de nosso “campo de possíveis”. Tornamo-nos, assim, indivíduos abstratos, incapazes de nos assenhorar concretamente de nossa existência, de estabelecer um projeto existencial autêntico, na acepção forte do termo, porque se não temos controle sobre nosso próprio tempo, nossa vida já não é “nossa”.

Sendo assim, não surpreende, portanto, a proliferação de diagnósticos de adoecimento psíquico generalizado, que encontra na depressão, enquanto manifestação subjetiva mais profunda daquela perda de sentido do existir, sua última expressão. Nossa hipótese é de que tal cenário pode ser lido como sintoma da impossibilidade de construção efetiva de um sentido “existencial” aos moldes sartrianos, isto é, de um horizonte de autorrealização pessoal e concretização de uma vida autêntica, o que demandaria, dentre outras coisas, a liberação do tempo e uma nova experiência dos sujeitos em relação a ele.

Em suma, nos encontraríamos diante de um “esgotamento subjetivo” do modo de viver capitalista, em que experiências são reduzidas a simples vivências, numa espécie de presente eterno, e que só pode se manifestar patologicamente. Essa é a hipótese que o curso pretende, finalmente, explorar.

#### **e) Avaliação**

A avaliação será prioritariamente efetuada através da elaboração de uma monografia ao final do semestre, que verse sobre um ou mais temas tratados ao longo do curso. Serão avaliadas: a pertinência da proposta de trabalho, a profundidade bibliográfica, a correção conceitual e a redação do texto final. De modo secundário, a participação em sala e a frequência também serão elementos observados na composição global da nota.

## Referências bibliográficas

### Bibliografia básica

ADORNO, Theodor W. *Tempo livre*. In: *Indústria cultural e sociedade*. 2ª edição. Textos escolhidos por Jorge Mattos Brito de Almeida. Trad. Julia Elisabeth Levy et al. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão – a atualidade das depressões*. 2ª edição. São Paulo: Boitempo, 2015.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Capital – crítica da economia política*. Livro Primeiro. Volume I. In: *Col. Os Economistas*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1988.

\_\_\_\_\_. *O Capital – crítica da economia política*. Livro Primeiro. Volume II. In: *Col. Os Economistas*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Coordenação e revisão de Paul Singer. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

POSTONE, Moishe. *Tempo, trabalho e dominação social – uma reinterpretção da teoria crítica de Marx*. Trad. Amilton Reis & Paulo César Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2014.

ROSA, Hartmut. *Alienação e aceleração – por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna*. Trad. Fábio Roberto Lucas. Petrópolis: Vozes, 2022.

SANTOS, Vinícius dos. *O indivíduo abstrato – subjetividade e estranhamento em Marx. Breve ensaio de filosofia marxista*. Jundiaí: Paco Editorial, 2021.

SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética – tomo I: teoria dos conjuntos práticos*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. *O existencialismo é um humanismo*. In: *Col. Os Pensadores*. Trad. Rita Correia Guedes. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1984.

## **Bibliografia complementar**

BARATA, André. *O desligamento do mundo e a questão do humano*. Lisboa: Documenta, 2020.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: *Obras escolhidas I – magia e técnica, arte e política*. 8ª edição revista. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. *La nouvelle raison du monde – essai sur la société néolibérale*. Paris: Éditions La Découverte, 2009.

EAGLETON, Terry. *O sentido da vida - uma brevíssima introdução*. Trad. Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

FISCHBACH, Franck. *La privation du monde – temps, espace, capital*. Paris: Vrin, 2011.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2ª edição ampliada. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. *Vita contemplativa - ou sobre a inatividade*. Trad. Lucas Machado. Revisão Daniel Guilhermino. Petrópolis: Vozes, 2023.

MARX, Karl. *Grundrisse*. Trad. Mário Duayer e Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. *O Capital – livro III: o processo global da produção capitalista*. Edição de Friedrich Engels. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.

\_\_\_\_\_. *Trabalho assalariado e capital & Salário, preço e lucro*. 2ª edição. Revisão Geraldo Martins de Azevedo Filho. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 8ª edição. Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

ROSA, Hartmut. *Aceleração – a transformação das estruturas temporais na Modernidade*. Trad. Rafael H. Silveira. Revisão técnica João Lucas Tziminadis. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SAFATLE, Vladimir et al. (orgs). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

SARTRE, Jean-Paul. *O que é a subjetividade?* Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

\_\_\_\_\_. *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. 12ª edição. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

**Obs:** a bibliografia complementar poderá ser ampliada ao longo do curso.